

Quando o Planeta Florescer: Mudanças Climáticas, Perda de Biodiversidade e Criação Artística¹

When the Planet Blooms: Climate Change, Biodiversity Loss, and Artistic Creation

DARLENE FARRIS-LABAR

Universidade de East Stroudsburg da Pensilvânia – East Stroudsburg, Pensilvânia, EUA

TAJLA MEDEIROS

Universidade de Brasília – Brasília, D.F., Brasil

RESUMO

Este artigo explora a interseção entre arte, tecnologia e consciência ecológica, apresentando uma visão de futuro sustentável enraizada na criatividade e na conexão. A partir de esculturas em 3D inspiradas em flores nativas e ameaçadas de extinção, o artigo traz reflexões sobre a fragilidade e a resiliência da natureza diante dos crescentes desafios das mudanças climáticas e da perda de biodiversidade. As proposições artísticas discutidas neste artigo articulam ciência, arte e tecnologia, ressaltando a engenhosidade e a capacidade de adaptação presentes no design da natureza. Dessa forma, a prática da artista e autora não apenas lamenta a perda ecológica, mas também celebra a beleza interconectada da vida, convocando à ação e ao cuidado coletivo. Ao fundir a engenhosidade humana com a sabedoria da natureza, tais proposições artísticas servem como um chamado para que possamos reinventar nossa relação com o mundo natural, mesclando encantamento, reflexão e ativismo. Busca-se, assim, evidenciar o poder transformador da arte na construção da consciência ecológica e no cultivo da esperança para o florescer do planeta.

PALAVRAS-CHAVE

Consciência ambiental, arte ecológica, biodiversidade, mudanças climáticas, flores em impressão 3D.

ABSTRACT

When the Planet Blooms: Climate Change, Biodiversity Loss, and Artistic Creation explores the intersection of art, technology, and ecological awareness, presenting a vision for a sustainable future rooted in creativity and connection. Drawing from 3D-printed sculptures inspired by endangered and native flowers, it offers reflections on the fragility and resilience of nature amidst the escalating challenges of climate change and biodiversity loss. Highlighting the intricate interdependence of ecosystems, the artwork discussed in this article bridges science, art, and technology to emphasize nature's brilliant design and adaptability. This practice not only mourns ecological loss but also celebrates the interconnected beauty of life, urging collective stewardship and action. By fusing human ingenuity with nature's wisdom, the creations serve as a call to reimagine our relationship with the natural world, blending wonder, reflection, and activism. This work underscores art's transformative power in shaping ecological awareness and fostering hope for a flourishing planet.

KEYWORDS

Environmental awareness, ecological art, biodiversity, climate change, 3D-printed flowers.

Em um mundo reconfigurado por ventos incertos e oceanos febris, onde florestas silenciam e flores fenecem, proponho trabalho artístico que sopra vida de volta aos sussurros em desaparecimento da natureza. Cada obra que crio é uma carta

¹ Tradução de Tajla Medeiros, publicação original: FARRIS-LABAR, Darlene, When the Planet Blooms: Climate Change, Biodiversity Loss, and Artistic Creation neste dossiê.

de amor à Terra, um frágil hino de beleza, resiliência e impermanência. Por meio da fusão entre arte e tecnologia, meu trabalho se transforma em tributo ao que corremos o risco de perder e em farol de esperança ao que ainda podemos proteger.

Cada pétala e caule que desenho digitalmente nasce do solo fértil da minha reverência pelo mundo natural. Desde criança, sou atraída pela coreografia intrincada da natureza: a forma como uma flor silvestre se curva ao vento, como ela carrega a memória das estações em suas sementes delicadas, como a luz do sol dança sobre sua superfície.

Mas o mundo que amamos oscila à beira do abismo. As mudanças climáticas corroem as bordas das paisagens e o vibrante tecido da biodiversidade se desfaz, fio por fio. Percebi que, como artista, eu não poderia apenas testemunhar essa perda. Meu trabalho precisava refletir, lamentar, celebrar e, acima de tudo, despertar.

Falar sobre mudanças climáticas é falar de uma história em fluxo, um conto onde o gelo se derrete em água, a água se agiganta em tempestades e as tempestades dissipam a vida em seu rastro. As plantas, o discreto fluido vital dos nossos ecossistemas, suportam a carga desse caos. Temperaturas em alta e estações erráticas colapsam os ritmos que seguem há milênios.

Por meio das minhas esculturas, traduzo essa luta silenciosa em algo tangível. Cada peça é uma pausa, um instante esculpido na dança contínua da natureza com a desordem. Utilizando a precisão do design digital e da impressão 3D, busco capturar não apenas a forma, mas a essência dessas flores, por meio de suas curvas, texturas, cores e pela maneira como parecem suspirar sob o peso da própria existência.

Esforço-me para despertar a consciência não apenas para a beleza das flores, mas também para suas características, naturalmente engenhosas. Cada flor é uma maravilha do design, moldada por milênios de evolução para cumprir um propósito específico dentro do tecido da vida. As criações da natureza nunca são acidentais; são deliberadas e intencionais, solucionando desafios de sobrevivência com elegância e precisão. A estrutura de uma flor não é um mero ornamento, mas um mecanismo sofisticado da própria vida. Suas pétalas, curvas e delicadas, são perfeitamente esculpidas para guiar um polinizador. Suas cores, vibrantes e diversas, são sinais em uma linguagem compreendida por abelhas, pássaros e borboletas. Essa é a tecnologia da natureza em ação, um sistema de discreta engenhosidade que se adapta, evolui e prospera em equilíbrio.

Ao me aprofundar no estudo de cada flor, preparando-me para recriar digitalmente sua forma, fico maravilhada com a verdade mais profunda que ela revela: nada na natureza existe isoladamente. Uma flor nunca é apenas uma flor. Ela é fonte de sustento, oferecendo néctar a polinizadores que, por sua vez, garantem a sobrevivência de inúmeras outras espécies. É dispersora de sementes, levando a promessa de novos crescimentos a cantos distantes de seu ecossistema. É abrigo, um lar para insetos ou pequenos seres em busca de refúgio. Mesmo na morte, ela devolve nutrientes ao solo, alimentando as raízes da vida futura.



Figura 1. Flor de Asclépia-do-brejo (*Milkweed flower*), impressão em 3D, 2022. Fonte da autora.

Quando uma flor desaparece, sua ausência se propaga como uma onda silenciosa de perda que toca vidas que talvez jamais venhamos a conhecer. Sem o alimento que ela fornece, os polinizadores enfraquecem. Sem as sementes que a flor dispersa, as populações de plantas diminuem. Tudo é moldado pelo labor silencioso dessas flores, do ar que respiramos ao solo de que dependemos. O desaparecimento de uma única espécie representa uma fratura na teia da vida, uma quebra na cadeia que nos mantém unidos.

Essa compreensão da interconexão está no cerne do meu trabalho. Cada flor impressa em 3D não é apenas um belo objeto, mas uma história da narrativa de relações, interdependência e equilíbrio. Por meio do meu trabalho artístico, faço

lembrar que a teia da vida é, ao mesmo tempo, intrincada e frágil. Plantas, animais, fungos e até os elementos são fios desse tecido, entrelaçados por forças invisíveis de colaboração e coexistência.

Ainda assim, essa obra-prima, a criação mais profunda da Terra, está sob ameaça. As mudanças climáticas, a destruição de habitats e a perda da biodiversidade afrouxam as tramas, desfazendo conexões que resistiram por milênios. A fragilidade dessa teia é o nosso maior desafio, e nossa responsabilidade como guardiões deste planeta nunca foi tão urgente.

Meu trabalho artístico é um convite a ver o mundo através dessa lente da conexão. Tocar uma flor impressa em 3D é tocar um fragmento dessa história interligada. É, também, testemunhar a engenhosidade do design da natureza, sentir o peso do que podemos perder e reconhecer o papel que temos em sua preservação.

A sabedoria da natureza está em sua interdependência, em sua capacidade de se sustentar por meio da colaboração e da harmonia. É uma lição que a humanidade precisa aprender e reaprender. É um chamado para lembrarmos que nosso destino está entrelaçado ao de cada flor, cada abelha, cada árvore. Meu trabalho é, ao mesmo tempo, uma celebração dessa verdade e um chamado à ação, conclamando-nos a proteger a teia delicada que nos sustenta.

No fim das contas, nenhuma vida existe de forma isolada. Estamos todos conectados por cada flor, cada respiração e cada instante. Estamos entrelaçados no vasto e luminoso tecido da existência. Que possamos honrá-lo, protegê-lo e nos maravilhar com sua beleza, enquanto ainda é tempo.

Tecnologia: o braço da natureza

A tecnologia é frequentemente vista como o oposto da natureza, uma força que perturba e explora. Mas, para mim, as duas estão profundamente entrelaçadas, enriquecendo-se mutuamente de maneiras que só agora começamos a compreender. Enxergo a tecnologia como o braço da natureza. É uma ferramenta que amplia a capacidade humana de criar, adaptar-se e resolver problemas, espelhando a criatividade e a engenhosidade presentes no mundo natural. Se olharmos de perto, perceberemos que a própria natureza é a forma mais antiga e sofisticada de tecnologia existente neste planeta.

Cada flor, cada árvore, cada ecossistema é uma maravilha da engenharia, aprimorada ao longo de bilhões de anos por um processo de tentativa e erro mais elegante e duradouro do que qualquer invenção humana. A tecnologia da natureza é sustentável, autorregulável e infinitamente inovadora. Ela não impõe soluções, mas se harmoniza com seu entorno, resolvendo questões de equilíbrio, adaptação e eficiência de formas que os sistemas humanos muitas vezes não conseguem replicar.

Consideremos uma folha. Sua superfície é uma obra-prima do design, convertendo a luz do sol em energia por meio da fotossíntese com uma precisão e eficiência que nenhum painel solar consegue ainda igualar. Ou pense nas flores, que evoluem para atrair exatamente os polinizadores certos, com cores, aromas e formas que compõem uma linguagem silenciosa, porém potente. Essas adaptações não são acidentais; são soluções deliberadas, elaboradas pela própria tecnologia da natureza para garantir a sobrevivência e a interdependência.



Figura 2. Hortelã Selvagem (*Wildhorse Mint*), impressão em 3D, 2019. Fonte da autora.

Mesmo os ecossistemas funcionam como máquinas complexas e interconectadas. Cada espécie, cada elemento, tem um papel a desempenhar. Uma árvore caída na floresta torna-se abrigo para fungos, alimento para insetos e adubo para o solo, criando um ciclo de renovação. Nada é desperdiçado e tudo contribui para

o todo maior. São os sistemas de resolução de problemas da natureza que equilibram, regeneram e sustentam a vida, de formas que desafiam a capacidade humana de replicação.

No meu trabalho como artista, recorro a ferramentas modernas como o design digital, a digitalização e a impressão 3D para ecoar essas tecnologias naturais. Quando projeto e recrio flores digitalmente, não estou apenas imitando sua beleza exterior, mas mergulhando na genialidade mais profunda de seu design. Cada pétala, cada curva, contam uma história de adaptação e propósito, revelando um sistema mais antigo e intrincado do que qualquer criação feita pelo ser humano.

Ao replicar essas características, espero convidar o público a enxergar as flores não apenas como objetos decorativos, mas como símbolos da engenhosidade da natureza. Minha arte desafia a narrativa de que a tecnologia humana é separada ou superior ao mundo natural. Em vez disso, mostra o quanto ainda temos a aprender com os sistemas que sustentam a vida na Terra há milênios.

Essa conexão entre tecnologia e natureza é mais do que uma metáfora; é um lembrete de nossas raízes compartilhadas. As maiores invenções da humanidade, como a arquitetura, a engenharia e até mesmo a medicina, são muitas vezes inspiradas pelo mundo natural. O próprio conceito de biomimética ressalta o quanto da inovação humana nasce da observação das soluções que a natureza já aperfeiçoou.

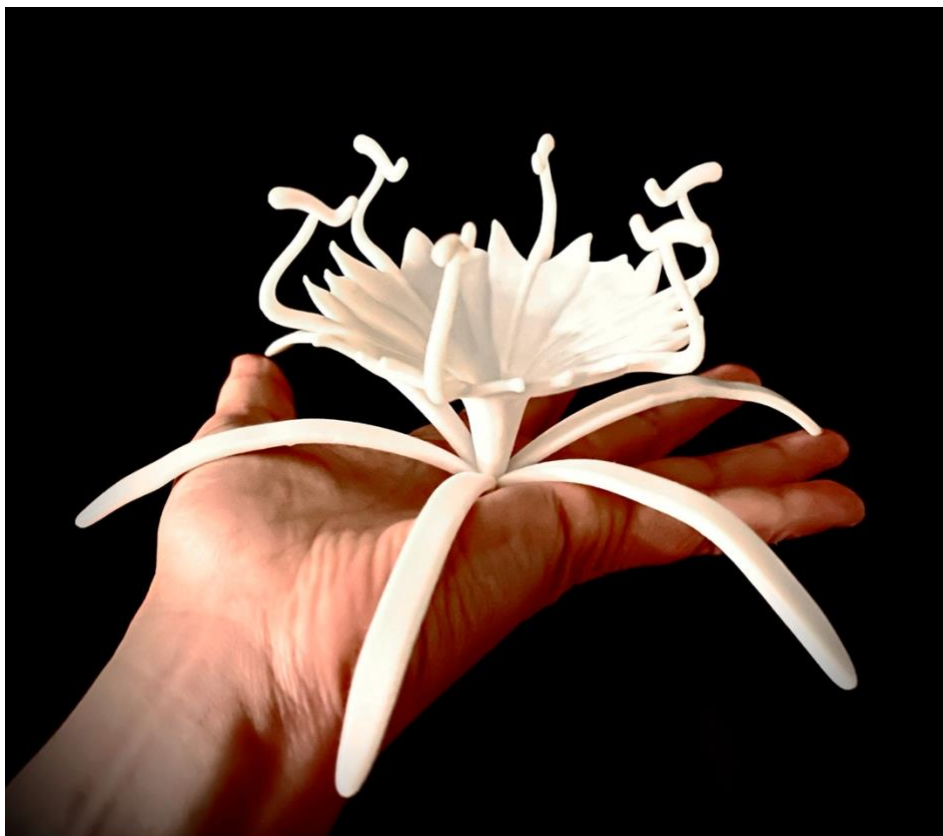


Figura 3. Lírio-aranha (*Spider Lily*), impressão em 3D, 2022. Fonte da autora.

Por meio das minhas esculturas, busco desfocar a linha entre criação humana e natural. A tecnologia, quando usada com cuidado e reverência, torna-se um meio de amplificar a voz da natureza, preservar sua beleza e honrar sua sabedoria. Meu trabalho se apresenta como uma ponte entre esses mundos, um lembrete de que nossas ferramentas não estão separadas da natureza, mas são extensões dela. É prova de que, mesmo na era das máquinas, seguimos profundamente conectados à força criativa da Terra.

No fim das contas, a genialidade da natureza está em sua capacidade de criar harmonia, não dominação. Ela oferece soluções que não esgotam, mas renovam; que não conquistam, mas colaboram. Se permitirmos, a tecnologia pode seguir esse mesmo caminho, tornando-se não uma adversária, mas uma parceira, uma forma de a humanidade se reintegrar ao ciclo da vida em vez de permanecer à parte dele.



Figura 4. Semente de *Jewelweed* (*Jewelweed Seed*), impressão em 3D, 2022. Fonte da autora.

Cada flor que desenho, cada detalhe que replico, é um testemunho desse pensamento. É um convite a olhar mais de perto, a se maravilhar com a engenhosidade que existe na menor pétala e na mais grandiosa floresta. É um chamado para repensar o uso das nossas ferramentas não para dominar a natureza, mas para nos alinharmos a ela.

Tecnologia e natureza não são inimigas; são duas faces da mesma moeda, refletindo a criatividade ilimitada que sustenta a vida neste planeta. Quando abraçamos essa verdade, desbloqueamos o potencial de criar um futuro onde inovação e preservação caminham lado a lado, garantindo que a beleza e o equilíbrio da vida continuem a florescer.

Heróis do ecossistema

Quando escolho quais flores recriar, escuto as histórias que mais precisam ser contadas. Muitas das flores que elaboro são espécies ameaçadas de extinção, com nomes desconhecidos pela maioria. São os heróis invisíveis de seus ecossistemas, silenciosamente mantendo unidos os fios da vida.

Tome como exemplo uma rara flor silvestre da Floresta Amazônica. Suas pétalas brilhantes testemunharam a passagem dos séculos, enraizadas em um solo que lentamente desaparece sob espécies invasoras e a expansão humana. Ao recriá-

la, não busco substituí-la, mas preservá-la, apresentar um eco digital de sua existência, um lembrete de que até a menor vida tem valor.

Uma das experiências mais transformadoras da minha trajetória artística foi minha viagem à Floresta Amazônica. Imersa nesse reservatório incomparável de biodiversidade, fui cativada pela beleza intrincada e pela importância ecológica de sua flora. As flores que encontrei ali, vibrantes, complexas e cheias de propósito, falaram-me da engenhosidade da natureza, de sua capacidade de adaptação e do equilíbrio delicado que sustenta a vida.

As flores da Amazônia não são apenas belas; são componentes vitais de seus ecossistemas. Cada flor é um elo crucial em uma teia de relações, apoiando polinizadores, regulando o ambiente e fomentando as interdependências que definem a floresta tropical. Testemunhar essas dinâmicas aprofundou minha compreensão da essência colaborativa da natureza e me inspirou a traduzir essas descobertas em meu trabalho artístico



Figura 5. Flor de Delfino (*Delphinium Flower*), impressão em 3D, 2022. Fonte da autora.

Embora a Amazônia me inspire com sua abundância e grandiosidade, também encontro profundo significado nas flores nativas da região onde vivo. Essas

flores, muitas vezes ignoradas, são fios essenciais no tecido de seus ecossistemas. Por meio do meu trabalho, busco celebrar sua importância, destacando seus papéis no apoio à biodiversidade local e na conexão das comunidades com a terra.

Projetar digitalmente essas flores nativas me permite explorar em detalhe suas formas e características, aprendendo com as adaptações que lhes permitiram florescer em harmonia com seus ambientes. Ao trazer essas flores para o espaço expositivo, espero incentivar o público a enxergar seu valor não apenas como objetos estéticos, mas como participantes essenciais de uma narrativa ecológica compartilhada.

Arte e natureza no Antropoceno

À medida que o impacto da humanidade sobre o meio ambiente se intensifica, as fronteiras entre natureza e cultura se dissolvem, revelando a frágil interdependência que une toda a vida. O Antropoceno, termo que descreve esta era de mudanças planetárias causadas pelos humanos, tornou inegável uma verdade: não estamos separados do mundo natural. Agir como se estivéssemos é colocar em risco não apenas os ecossistemas que nos sustentam, mas também a complexa rede de relações que define nossa existência. Esta época exige uma nova forma de pensar, que transcenda dicotomias ultrapassadas e reconheça nosso profundo enredamento com a Terra.

Pensadores contemporâneos propõem uma reimaginação radical da nossa relação com a vida não-humana. Eles nos convocam a adotar parcerias baseadas no respeito, na reciprocidade e no cuidado mútuo. Donna Haraway fala em “permanecer com o problema”, encarar de frente as complexidades das crises ecológicas, enquanto Bruno Latour enfatiza a agência interconectada entre humanos e não-humanos. Juntas, essas ideias nos desafiam a abandonar paradigmas exploratórios e a forjar alianças que valorizem todas as formas de vida.

Minha prática artística se alinha profundamente a essa visão, buscando construir pontes entre contemplação reflexiva e engajamento ativo. Por meio das minhas esculturas, reinvento a delicadeza da natureza em formas que convidam tanto ao deslumbramento quanto à introspecção. Essas criações não são meramente decorativas, mas profundamente simbólicas. Cada flor representa um instante de maravilhamento, um lembrete da magnificência frágil e fugaz da vida. Ao mesmo

tempo, são também chamados à ação, incitando quem as observa a enfrentar a necessidade urgente de proteger o que ainda resta do mundo natural.

Ao criar essas peças, busco estabelecer um diálogo entre o humano e o não-humano, entre a tecnologia e a natureza. O uso de tecnologias — processo que exemplifica a engenhosidade humana — torna-se ferramenta narrativa, um meio de recriar e reverenciar as formas intrincadas da flora que me inspira. Essas esculturas são tanto elegias quanto gritos de mobilização. Lamentam a perda da biodiversidade, as marcas deixadas pelo desmatamento e pelas mudanças climáticas, enquanto celebram a resiliência e a beleza da vida que ainda resiste. Ao transformar flores em obras de arte duradouras, espero preservar não apenas suas formas, mas também suas mensagens: de conexão, de fragilidade e da necessidade urgente de cuidado.

A arte, nesse sentido, torna-se um veículo de consciência ecológica e um agente de transformação. Ela convida o espectador a pausar para admirar, a refletir sobre seu próprio lugar na teia da vida e a considerar que ações pode tomar para proteger o mundo ao seu redor. Meu trabalho é um chamado a honrar o que temos, a reconhecer seu valor profundo e a agir antes que seja tarde demais. O Antropoceno exige nada menos que um despertar coletivo, o reconhecimento de que o futuro da humanidade é inseparável do futuro da Terra. Por meio da criatividade e da colaboração, podemos traçar um caminho em direção a um amanhã onde a beleza, o equilíbrio e a biodiversidade não apenas sejam preservados, mas celebrados.

Um convite à ação

Nesta era frágil de mudanças climáticas, a arte detém um poder singular: despertar a consciência ecológica e inspirar a ação coletiva. Mais do que expressão estética, a arte se torna um meio para cultivar empatia e entendimento, forjando conexões entre quem observa e o mundo natural. Ao reinventar gêneros históricos e criar novas formas poéticas, artistas podem transcender limites convencionais, produzindo obras que falam ao mesmo tempo ao coração e à mente. Essas criações entrelaçam dimensões espirituais, históricas, políticas e sociais da natureza, oferecendo um olhar através do qual podemos compreender tanto a beleza quanto a urgência dos desafios ecológicos que enfrentamos.

A arte tem o poder de realizar o que dados e estatísticas frequentemente não conseguem. Ela comove, ultrapassando o ruído da lógica para se conectar

diretamente com o coração. Diante da crise climática e da rápida perda de biodiversidade, a arte surge como ferramenta essencial, capaz de transformar preocupações abstratas em realidades vívidas. Onde os números podem sufocar e as palavras falhar, a arte fala uma linguagem universal, uma linguagem que nos convida a sentir, não apenas a pensar.

Por meio de suas cores, texturas e formas, a arte dá voz ao que muitas vezes não é visto nem ouvido: os sussurros das florestas que desaparecem, o silêncio deixado pelos cantos dos pássaros ausentes, a memória fantasmagórica de flores que um dia enfeitaram a Terra. A arte não apenas nos diz o que estamos perdendo, mas nos envolve na narrativa da fragilidade e da resistência do mundo natural. Uma pintura, uma escultura e uma instalação, cada uma se torna uma ponte entre a humanidade e os ecossistemas dos quais frequentemente nos sentimos distantes, lembrando-nos de que a beleza que tomamos como garantida está desaparecendo.

A arte tem o poder de tornar o intangível algo palpável. A crise climática pode parecer distante, algo que acontece em outro lugar ou em um futuro longínquo, mas a arte encurta essa distância, confrontando-nos com a urgência do presente. Uma fotografia de um recife de coral esbranquiçado, silenciosa e direta, pode carregar eloquência, apontando para a importância da conservação dos oceanos. Uma escultura de um animal ameaçado de extinção, esculpida com precisão e cuidado, pode reacender nosso senso de encantamento e responsabilidade com as espécies à beira do desaparecimento.

Mais do que um espelho, a arte é catalisadora. Ela não apenas reflete o mundo como ele é, mas reimagina o que ele pode ser. Ela nos convida a pausar, a ver o mundo por outra lente, a sentir o peso das nossas escolhas e as possibilidades das nossas ações. Em sua quietude ou em suas declarações ousadas, a arte se torna um espaço onde reflexão e transformação se encontram. Ela nos chama, não com a frieza das advertências, mas com a beleza pulsante daquilo que está em risco.

A arte também constrói pontes entre o saber e o agir. Ela nos desacelera, nos instiga a parar e nos conectar, a ver não apenas uma árvore, mas uma força vital; não apenas uma flor, mas um testemunho de resistência; não apenas uma espécie, mas um elo na teia intrincada que nos une a todos. Essa conexão emocional é o primeiro passo para a ação. Quando nos importamos profundamente, somos levados a proteger.

Desse modo, a arte se torna agente de mudança, entrelaçando os aspectos espirituais, emocionais e intelectuais da nossa relação com a Terra. Ela ultrapassa fronteiras culturais e linguísticas, unindo pessoas numa visão comum daquilo que devemos preservar. A arte nos recorda que a Terra não é um recurso a ser consumido, mas uma obra-prima a ser reverenciada, algo que exige nossa humildade e nosso cuidado.

Num tempo em que as mudanças climáticas e a perda de biodiversidade ameaçam o próprio tecido da vida, a arte torna-se mais do que expressão e se transforma em chamado à ação. É farol, bússola e lembrete de que, na beleza da criação, habita também a responsabilidade de protegê-la. Pela arte, somos convidados a lembrar, a lamentar, a ter esperança e, finalmente, a agir. Pois, se perdermos o mundo natural, perdemos não apenas o tema da nossa arte, mas a própria essência do que significa criar.

Minha prática artística está profundamente enraizada na celebração das maravilhas da natureza, especialmente das flores da Floresta Amazônica e das paisagens nativas da região onde vivo. Essas flores são mais do que maravilhas botânicas para serem admiradas à distância, são linhas de vida em um ecossistema frágil e intrincado. Cada pétala, folha e caule carrega a essência da resiliência, da adaptação e da interdependência, lembrando-nos da conexão que liga todos os seres vivos. A Amazônia, muitas vezes chamada de pulmão do planeta, exemplifica a extraordinária capacidade de renovação da natureza, ao mesmo tempo em que evidencia os perigos que enfrenta por conta das ações humanas. Através do meu trabalho, busco honrar essa dualidade, retratando tanto o vigor quanto a vulnerabilidade desses ecossistemas.

Arte e tecnologia, quando fundidas, podem amplificar essa mensagem e expandir seu alcance. De instalações em realidade aumentada a pinturas digitais, ferramentas inovadoras nos permitem reinterpretar a natureza de formas que cativam e envolvem o público contemporâneo. A tecnologia não é inimiga da natureza, mas uma possível aliada, capaz de contar sua história com profundidade e clareza inéditas. Com essa fusão, espero estimular um diálogo mais amplo sobre nossa responsabilidade compartilhada na preservação da delicada e entrelaçada teia da vida. Ao criar experiências imersivas que evocam encantamento e reflexão, acredito que podemos inspirar ações concretas, seja por meio de iniciativas de conservação, pressão por políticas públicas ou por mudanças individuais de comportamento.

A arte não é apenas espelho do mundo, mas também catalisador de sua transformação. É um recipiente para repensar e renovar nossa relação com o ambiente, convidando-nos a imaginar um futuro em que a engenhosidade humana se harmonize com a sabedoria da natureza. Ela nos desafia a superar paradigmas exploratórios e abraçar uma relação mais simbiótica com a Terra.

Por meio da criatividade, podemos traçar um caminho onde a beleza e o equilíbrio não apenas sejam preservados, mas celebrados. Essa visão vai além da conservação: representa uma mudança cultural profunda em como percebemos e nos relacionamos com o mundo natural. Ao elevar as narrativas de biodiversidade, resiliência e interconexão, podemos cultivar um senso de cuidado e reverência pela vida em todas as suas formas infinitas e maravilhosas. A arte, nesse sentido, torna-se um chamado à ação, uma forma de garantir que a complexidade impressionante da vida na Terra continue a florescer pelas gerações futuras.

Diante das mudanças climáticas, onde cada decisão carrega peso e consequência, a arte pode ser um farol de esperança e fonte de força coletiva. Ela tem o poder de nos lembrar de nossa humanidade compartilhada, de nosso planeta comum e de nossa responsabilidade conjunta. Juntos, pelo poder transformador da criatividade, podemos imaginar e construir um mundo que não apenas sobreviva, mas floresça, um mundo onde a beleza interconectada da vida seja honrada, protegida e celebrada.



Figura 6. Portais para a Floresta Tropical (*Portals to the Rainforest*), bordado em tapeçaria, 2023. Fonte da autora.

Um dos aspectos mais marcantes do meu trabalho é observar como as pessoas reagem. Em exposições, muitas vezes vejo visitantes se aproximarem com curiosidade, atraídos pelas cores vibrantes e pelos detalhes intrincados das flores. Mas, ao lerem as histórias por trás de cada peça, compreendendo a situação da espécie e seu papel no ecossistema, percebo uma mudança.

Esses momentos de conexão são o motivo pelo qual eu sigo criando. A arte tem um poder único de ultrapassar a lógica e falar diretamente ao coração. Ao apresentar a beleza da natureza de maneira tão íntima e tangível, espero despertar uma consciência mais profunda sobre sua fragilidade e um compromisso maior com sua preservação.

Conclusão

Na sociedade em rápida transformação em que vivemos hoje, onde a tecnologia se tornou parte inseparável da nossa existência, os artistas estão

aproveitando seu potencial para criar novas conexões, amplificar suas vozes e alcançar públicos cada vez maiores. Essa interseção entre criatividade e inovação reflete a relação em evolução entre a humanidade e o mundo natural, uma relação que meu trabalho busca explorar e aprofundar. Minha jornada pelo mundo intrincado das plantas e flores, por meio da arte e da pesquisa, revelou uma verdade profunda: a tecnologia não é uma força separada da natureza, mas uma extensão dela. Ela oferece ferramentas para refinar, reinventar e proteger os padrões delicados que sustentam a vida.

Descobri uma sinergia extraordinária entre as estruturas orgânicas da natureza e os constructos geométricos da tecnologia, uma interação harmoniosa que espelha os sistemas interconectados do nosso planeta. Sob a superfície de ambos, existe uma teia intrincada de dados, padrões naturais moldados pela evolução e redes humanas projetadas com engenhosidade. Minha arte busca revelar e celebrar essas conexões invisíveis, usando as lentes duplas da ciência e da tecnologia para destacar os papéis frágeis, porém essenciais, que cada espécie e cada elemento desempenham em nossos ecossistemas. Ao evidenciar a beleza e a importância dessas conexões, espero fomentar uma compreensão mais profunda de seu significado e inspirar um compromisso coletivo com sua preservação.

O futuro que imagino é aquele em que arte e ciência caminham lado a lado, amplificando mutuamente a capacidade de provocar reflexão, despertar curiosidade e impulsionar mudanças. Acredito que artistas devam colaborar com ecologistas, conservacionistas e cientistas para criar obras não só visualmente cativantes, mas também ricas em significado ecológico e científico. Integrando tecnologias avançadas a essa parceria, podemos descobrir novas perspectivas sobre o equilíbrio intrincado da vida e suas interdependências, oferecendo uma interpretação profunda e nuançada do mundo natural.

Diante de um mundo em transformação, minha arte mantém firme seu propósito: nos lembrar da beleza e da interconexão que nos foi confiada para proteger. Por meio das minhas flores impressas em 3D, busco oferecer não apenas um reflexo do que está em risco, mas também uma visão de esperança, onde a engenhosidade humana colabora com a natureza para nutrir, sustentar e celebrar a vida. Essas flores, delicadas e ao mesmo tempo duradouras, simbolizam resiliência, um lembrete da capacidade da natureza para a renovação e do nosso papel em garantir sua sobrevivência.

Elas carregam a mensagem atemporal de que a vida, em todas as suas formas, é interconectada, preciosa e merece todo esforço para ser protegida. Suas formas despertam encantamento diante da beleza intrincada do nosso mundo, um chamado à ação para resguardar seu futuro e a crença de que, mesmo diante da perda, temos o poder de criar um porvir onde a beleza e o equilíbrio possam florescer novamente. Nesse esforço compartilhado, a arte torna-se catalisadora de mudança, veículo de consciência e farol de esperança para as gerações que virão.

À medida que o mundo ao nosso redor muda, minha arte permanece enraizada no propósito singular de nos lembrar da beleza que temos a missão de proteger. Por meio do meu trabalho, ofereço não apenas um vislumbre do que podemos perder, mas uma visão do que ainda podemos nutrir e salvar.

Essas flores, delicadas e duradouras, carregam uma mensagem tão antiga quanto a própria Terra, de que a vida é interconectada, preciosa e vale todo esforço para ser preservada. Espero que inspirem em mais pessoas o que sempre inspiraram em mim: uma sensação de maravilhamento, um chamado à ação, e a confiança de que, mesmo diante da perda, a beleza pode florescer novamente.

Sobre a autora

Darlene Farris-LaBar é professora de Arte + Design na Universidade de East Stroudsburg, possui master in fine arts em Escultura pela SUNY, Purchase College, bacharel em Escultura pela Universidade de da Pennsylvania e técnica em Artes Digitais pelo Colégio de Tecnologia de Nova York. Coordena o Programa de Impressão 3D e o Laboratório G3D de Impressão 3D, vinculados ao Departamento de Arte + Design. A artista utiliza impressão 3D e outras tecnologias emergentes para focar sua arte em diversas espécies de plantas. Sua produção requer pesquisa por meio da interação com o meio ambiente e do estudo de diferentes ecossistemas. Seu trabalho se concentra na preservação de espécies de plantas e flores por meio da criação digital e da impressão 3D. Como uma das 30 mulheres mais influentes na impressão 3D, ela já foi representada em plataformas como Women in 3D, The Additivist Cookbook, Whitney Museum, New York Hall of Science, Athens Onassis Cultural Center, 3D Pioneers e 3D PrintShow. Suas obras foram exibidas em várias partes do mundo, incluindo o Museu de Arte do Estado de Assam, na Índia, a exposição “Tomorrows” no Les Uniques, em Nantes, França, e EcoVisionaries no Matadero Madrid, na Espanha, onde representou espécies ameaçadas de extinção da lista vermelha com a obra impressa em 3D intitulada “Ancient Mediterranean Flowers”. Mais recentemente, sua obra de representação em intitulada Atmospheric Chords, foi apresentada em Vancouver, Houston e Brasília. Foi homenageada recentemente pela Stratasys, empresa líder em tecnologia 3D, com o prêmio Stratasys eCab de Inovação em Manufatura Aditiva por seu trabalho com estudantes da ESU e sua atuação profissional com impressão 3D. Desde o início da pandemia da COVID-19, Farris-LaBar tem se voluntariado e dedicado seu tempo à criação e colaboração no processo de design de equipamentos de proteção individual (EPIs).

dfarris@esu.edu

<https://www.darlenefarris.com/>

Sobre a tradutora

Tajla Medeiros é jornalista, designer e artista. Tem pesquisa voltada a questões relacionadas à natureza e à manifestação dos aspectos performativos de todas as coisas. Atualmente, é doutoranda em Artes Visuais pela Universidade de Brasília, com o projeto "O corpo e o que não será comprado

lembrado ou descartado”, com o apoio da Capes. Os trabalhos artísticos de Tajla e Farris-Labar fizeram parte da exposição Húmus, realizada no EdA - Espaço das Artes ECA USP em abril de 2025, com curadoria de Ana Carolina Ralston, Hugo Fortes e Sandra Rey.

tajla.medeiros@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9380349017951582>

[Nota da editoria: Gostaríamos de agradecer, em especial, à tradutora que gentilmente aceitou o convite para contribuir com esta edição.]

Como citar

FARRIS-LABAR, Darlene. Quando o planeta florescer: Mudanças Climáticas, Perda de Biodiversidade e Criação Artística. Tradução de Tajla Medeiros. Revista Estado da Arte, Uberlândia, v. 6 n. 1, *n.p.*. 1º Semestre de 2025. Doi. 10.14393/EdA-v6-n1-2025-78602 (**versão ahead of print**).



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.